

Memória da Guerra...

por Mário Soares

Passaram no início deste mês de Maio os sessenta anos do fim da, antes chamada, II Grande Guerra Mundial. Escrevo antes porque historiadores contemporâneos preferem chamar-lhe Guerra Mundial, dado que foi verdadeiramente a primeira e muito provavelmente a última, dado que, a haver outra, com as características de mundial, com a actual difusão das armas atómicas, seria - então, sim - o fim da história: não ficaria memória humana para a contar

Esperemos que isso não aconteça. Apesar de sempre nos dever surpreender o facto de não haver limites para o horror e a crueldade que certas mentes humanas são capazes de engendrar. O século XX foi, nesse aspecto, um terrível mostruário: genocídios, holocaustos, atrocidades, campos de concentração e de extermínio, novas formas de tortura, mortes de civis - nomeadamente crianças, em absoluto inocentes - e, finalmente, o lançamento de duas bombas atómicas sobre o Japão...

Ainda agora, ao ver o filme, impressionante, sob todos os aspectos, relativo aos últimos dias e aos suicídios de Hitler, fechado até ao fim no seu bunker, de Eva Braun, seguido de alguns (poucos) dos seus fiéis - entre eles Goebbels e a mulher, que levou a loucura ao extremo de matar as filhas ainda crianças - fui levado a meditar como é insondável o espírito humano quando, perdidos os valores éticos, a ambição, o egoísmo, o medo, mas também o fanatismo com que se abraçam certos ideais e crenças, podem conduzir os homens às piores abjecções.

Por isso a Carta da UNESCO ensina (cito de cor): "nascendo a guerra no espírito dos homens é nesse mesmo espírito que importa implantar o ideal da paz". Não há outro modo, com efeito.

A guerra mundial (1939-1945) causou mais de cinquenta milhões de mortos, fóra os feridos e os estropiados, para além das imensas destruições que causou a guerra em três continentes: na Europa, na África e na Ásia; e, indirectamente, nas Américas e na Oceania.

E, no entanto, tudo poderia ter sido evitado se as Democracias Europeias tivessem tido a coragem política de se opôr, em tempo oportuno, à escalada de violência do fascismo e do nazismo. Se tivessem sido capazes de defender - como lhes competia - a Sociedade das Nações. Mas não. Mussolini, com total impunidade, invadiu a Etiópia, apesar do Négus ter denunciado na S.D.N. o que estava a acontecer.

A seguir (1936) veio a sedição militar-fascista espanhola dos generais Sanjurjo e Franco - contra a República - e, depois, a política suicida de "não intervenção" das Democracias Europeias, na guerra civil. Consumou-se, assim, o assassinato da República Espanhola. Encorajou-se Hitler a desencadear a guerra mundial. A vergonhosa "capitulação de Munique" (1938) de Chamberlain e Deladier, foi outro passo em falso. Terrível. Preparou a anexação da Checoslováquia, à qual se seguiu, meses depois, o ataque fulminante de Hitler contra a Polónia. Foi então - só então! - que as Democracias Ocidentais acordaram. A declaração de guerra ao III Reich deu-se em 3 de Setembro. Não sem que antes, em 23 de Agosto do fatídico ano de 1939, o mundo assistisse estupefacto à assinatura do Pacto Germano-Soviético, em Moscovo, por Ribentrop e Molotov, na presença do próprio Staline...

Tinha quinze anos, feitos há uns meses, quando foi declarada a guerra. Mantenho uma lembrança viva desse acontecimento. A agonia heróica da Polónia, que veio na sequência da derrota dos republicanos espanhóis, vivida como uma tragédia em minha Casa. A "traição" que foi o Pacto Germano Soviético. O mundo parecia à beira do abismo. Desastre confirmado pela rapidez com que Hitler ocupou a Polónia (a Blitzkrieg e a divisão Panzer funcionaram!) e, depois da invasão soviética, a partilha da Polónia, perante a impotência anglo-francesa.

Começou então a "drôle de guerre", a par da progressão do "colaboracionismo" em França. E logo depois o ataque alemão e a queda de Paris (Junho de 1940). Esse período, tão decisivo e confuso, tornou-se claro, para mim, com a leitura do romance extraordinário do escritor soviético Ilya Ehrenburg, "A queda de Paris". 60 anos depois não perdeu a actualidade. Trata-se de um fresco

magnífico - e realista - das abdições por que passou a França, nos meses que precederam a invasão hitleriana.

Posso dizer que segui a guerra, dia a dia, com enorme paixão. A ocupação de França vivia como um desastre irreparável. Foi então que o grande Wiston Churchill assumiu o Governo e ficou sozinho em campo, face à terrível máquina de guerra alemã. Segue-se a heróica batalha aérea de Inglaterra, que quase destruiu Londres mas foi perdida por Goering. Quando Churchill disse, a propósito da coragem dos pilotos da RAF: "nunca tantos deveram tanto a tão poucos"!

A partir de então, frustrada a invasão de Inglaterra, todas as esperanças se concentraram em Churchill. Lembro-me que todos os dias ouvia a BBC em português - um ritual sagrado - pela voz inconfundível de Fernando Pessa. Um acto de resistência, considerado pela PIDE como subversivo. Foi então que Churchill prometeu aos seus compatriotas: "sangue, suor e lágrimas", garantindo que nunca se renderia. Cumpriu. Em Londres, refugiaram-se, num longo exílio, os Governos belga, holandês, checo e polaco. O general De Gaulle, tendo recusado o armistício, assinado por Petain, lançou, de Londres, o célebre apelo de 18 de Junho de 1940: "A França perdeu uma batalha mas não perdeu a guerra". Palavras memoráveis!

Do outro lado do mar, um homem também extraordinário, o Presidente Franklin Delano Roosevelt, trabalha incansavelmente em favor da democracia. Em Agosto de 1941, um ano depois da batalha de Inglaterra, encontrou-se com Wiston Churchill: "Dêem-nos Vocês a ferramenta, que nós cá faremos a tarefa", disse este, no seu característico estilo. E, assim, foi. Apesar da actividade dos submarinos alemães no Atlântico norte...

Justamente um mês antes, 22 de Junho de 1941, Hitler tomou a resolução de invadir a URSS, o que - incrivelmente! - apanhou de surpresa Staline. Começam, assim, as grandes batalhas da guerra: às portas de Moscovo, no cerco de Leninegrado e nas ruas de Stalinegrado, casa por casa. Foi na Rússia que Hitler perdeu a guerra. Guerra que custou aos russos 20 milhões de seres humanos!

Ainda no ano de viragem de 1941, em 7 de Dezembro, os japoneses atacam, à traição, Pearl Harbor, precipitando a entrada dos Estados Unidos na guerra. Lembro-me bem dos noticiários da BBC, nesse dia: fazia eu 17 anos!

O triunvirato dos vencedores - Churchill, Roosevelt, Staline - iria consolidar-se com crescentes dificuldades e muitas inevitáveis contradições, durante os quatro longos anos que mediaram até fim da guerra. Tempos heróicos de sofrimento e de dor. Inolvidáveis. Em que adquiri - sem o saber então - as grandes linhas dos ideais políticos e cívicos que me orientaram até hoje.

Lisboa, 21 de Maio de 2005